

A RETÓRICA DAS VIRTUDES DA JUSTIÇA E A ARTE FRANCISCANA EM PERNAMBUCO E ÁREAS VIZINHAS (XVII E XVIII)

Rodrigo Neves do Rêgo

Resumo: Este artigo examina a influência da Ordem dos Frades Menores (O.F.M) na formação e disseminação da cultura cristã na América Portuguesa durante o período colonial. A pesquisa analisa a relação entre o imaginário expansionista da monarquia católica associada à concepção de franciscanizar o mundo, resultando em projeto evangelizador baseado na rígida formação dos freis, fazendo intenso uso de ferramentas retóricas e das artes liberais como ferramentas evangelizadoras. A trajetória da Ordem no Brasil é dividida em três ciclos, focando na expansão dos conventos e na formação dos frades. O artigo conclui que os franciscanos desenvolveram uma metodologia flexível de evangelização, adaptando-se às diversas culturas e crenças locais, promovendo a disseminação da fé cristã na América Portuguesa.

Palavras-chave: Ordem dos Frades Menores, evangelização, cultura cristã, América Portuguesa, formação religiosa, cosmovisão franciscana.

Abstract: This article examines the influence of the Order of Friars Minor (O.F.M) on the formation and dissemination of Christian culture in Portuguese America during the colonial period. The research analyzes the relationship between the expansionist imaginary of the Catholic monarchy associated with the conception of Franciscanizing the world, resulting in an evangelizing project based on the formation of friars, making intense use of rhetorical tools and the liberal arts as evangelizing tools. The trajectory of the Order in Brazil is divided into three cycles, focusing on the expansion of convents and the formation of friars. The article concludes that the Franciscans developed a flexible methodology of evangelization, adapting to different cultures and local discussions, promoting the dissemination of the Christian faith in Portuguese America.

Keywords: Order of Friars Minor, evangelization, Christian culture, Portuguese America, religious formation, Franciscan cosmovision.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R343r

Rêgo, Rodrigo Neves do
A RETÓRICA DAS VIRTUDES DA JUSTIÇA E A ARTE FRANCISCANA EM PERNAMBUCO E ÁREAS
VIZINHAS (XVII E XVIII) / Rodrigo Neves do Rêgo. - 2023.
19 f.

Orientadora: Jeannie da Silva Menezes.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,
Recife, 2023.

1. Evangelização. 2. Ordem dos Frades Menores. 3. América Portuguesa. 4. Formação religiosa. 5. Cosmovisão franciscana. I. Menezes, Jeannie da Silva, orient. II. Título

CDD 909

INTRODUÇÃO:

*(...) E de repente compreendeu-se que eram falsos Deuses os que nessas terras se adoravam; e que, finalmente, por Cozumel, em trocas de canhões e bombas, chegará a verdadeira religião, com a pólvora, o cavalo e a palavra dos Evangelhos.*¹

Esse fragmento foi retirado do livro *Concerto Barroco* do escritor cubano Alejo Carpentier. Em seu romance que se passa no início do século XVIII, Carpentier faz uma alegoria, na qual, leva os seus dois personagens principais, um rico herdeiro de conquistadores espanhóis e o seu escravo, para a bela cidade de Veneza. A busca do Amo é pelo contato com sua verdadeira raiz (sua raiz europeia), uma busca pela beleza pura. Mergulhado nos corredores e canais de uma Veneza carnavalesca, eles se percebem como seres exóticos vindos de um mundo desconhecido.

O romance do cubano remete a uma Europa Moderna, da Igreja da contrarreforma, e dos grandes Impérios ultramarinos. Era o planeta mundializado², movimentado pela força de uma Europa que alimentava seus anseios ocidentalizantes, europeizantes ou cristianizantes, e se dilatava territorialmente e espiritualmente. Mas, para vislumbrarmos compreender os sonhos, temores, horrores e amores, que o influxo de prata, temperos, línguas, paisagens, culturas, e Deuses, provocaram na psique dos ocidentais do antigo regime, precisamos acessar as monarquias católicas.

Na citação de Carpentier que deu início ao artigo, uma passagem precisa ser acentuada; *“chegará a verdadeira religião, com a pólvora, o cavalo e a palavra dos Evangelhos”*. Quatro séculos antes³, Camões escrevia um lema português no primeiro canto de *Os Lusíadas*; *“Dilatando a Fé, o Império”*⁴.

O que busco evidenciar com essas duas citações, não é apenas a ideia e as categorias da Monarquia Católica durante a primeira modernidade, e menos ainda o de ressaltar o poder, a violência e o capital envolvido nos empreendimentos imperialistas. Aqui me parece mais relevante destacar um certo imaginário expansionista que acabou por formar o *ethos* da Europa Moderna, onde a contrarreforma se apossou dos espíritos das obras de arte,

¹ (CARPENTIER, 1974, p. 67)

² Uso mundialização no sentido empregado por Serge Gruzinski no seu *O historiador, o macaco e a centaura: a "história cultural" no novo milênio*. Mundialização" refere-se à difusão planetária das culturas e estruturas ocidentais a partir do século XV. Envolvendo a imposição de valores, crenças, estruturas políticas e econômicas das sociedades ocidentais, especialmente por parte da Monarquia Católica, sobre regiões dominadas. Partindo deste conceito, “Mundialização” se diferenciaria de globalização por essa última ter como característica uma dinâmica um pouco sutil, porém perversa, também presente na ideia de mundialização.

³ Alejo Carpentier é um autor do século XX. Escreveu o livro citado em 1974. Camões é um autor do século XVI. *Os Lusíadas* foi lançado em 1572.

⁴ Canto I, segunda estrofe.

permitindo a transposição do cristianismo pelas novas capilaridades de um planeta que tornava-se maior. Mas que tal imaginário expansionista seria este, que se confunde com ocidentalizar, europeizar, cristianizar, e que podemos reduzir à ideia de civilizar?

A Fé, como um braço do Império, entendeu que missionar era expandir o reino de Deus. Neste sentido, este artigo tem como objetivo investigar essa face (Igreja) do poder da Monarquia católica⁵, especificamente o projeto de evangelização da Ordem dos Frades Menores (O.F.M), e focando nosso olhar na concepção do mundo franciscanizado⁶. Ademais, os projetos evangelizadores das diferentes Ordens religiosas, se fizeram, sobretudo, por meio de uma ação discursiva. Por isso, esse trabalho vai tecer uma análise sob o discurso da Ordem franciscana na forma do sermão⁷ religioso.

Em decorrência desse objetivo, preciso esclarecer que neste artigo, não irei analisar e fazer comentários sobre um sermão específico ou um autor. Essa escolha se deu pelo fato de que minha preocupação maior está em compreender a visão que as estruturas imperiais e seus agentes possuíam das letras e das artes liberais como ferramentas didatizantes. Partindo dessa preocupação, a pergunta que faço é se a palavra foi (ou se pelo menos foi vista) como ferramenta de persuasão? E estreitando o olhar apenas sobre as atividades dos franciscanos nas capitâneas do Norte, buscarei me aproximar da resposta para essa pergunta, analisando a produção literária dos franciscanos durante a primeira modernidade, e construindo um quadro com esses nomes. Em paralelo, busco compreender a formação desses sujeitos, assim como o *ethos* franciscano, e a quais demandas institucionais (monarquia, governo local, Igreja...) a produção franciscana atendia.

O livro de Carpentier termina com a separação do Amo- que volta para América- e do seu escravo, que resolve ficar em Veneza. O Amo percebe que apesar de filho dos dominadores, agora, a Europa não mais lhe pertence, ele já era um ser estranho, uma fábula aos olhos daqueles que outrora pensava ser seus iguais. Em meio às últimas páginas do romance, o Amo percebe que enquanto via a ópera, ele passou a torcer para que os americanos derrotassem os europeus, e refletiu: “Diante da América de artifício do mau poeta Giusti, deixei de sentir-me espectador para tornar-me ator.”⁸

1- A institucionalização e o modus operandi franciscano:

⁵ É salutar destacar que não pretendo tratar o discurso da Igreja e da Ordem dos frades menores como algo coeso. Os franciscanos tiveram, como todas as instituições religiosas, rupturas, divisões políticas internas, disputas por influência junto a coroa e etc.

⁶ Franciscanizar o mundo foi eixo fundante da Ordem. Ou seja, remete ao medievo.

⁷ Sermão é uma derivação do latim "sermo,onis". Por sua vez, sermo deriva de serere, ou seja, semeia. Assim sendo, ao nos referimos a uma ação discursiva dentro deste artigo, estaremos tratando de uma ação didática de semear uma mensagem, uma ideia, uma cosmovisão, um *logos*.

⁸ (CARPENTIER, 1974, pág 76)

Neste artigo, não vou entrar nos meandros da formação da Ordem, desde os primeiros seguidores de Assis até a sua institucionalização. O que cabe apontar em relação a essa longeva jornada dos franciscanos, é que estamos falando sobre uma Ordem religiosa que se encontra entre o medievo e a modernidade, diferentemente de outros grupos religiosos que desembarcaram no território português, como os jesuítas de Inácio de Loyola. Contudo, para alcançarmos um bom nível de discussão, não basta uma contextualização da O.F.M dentro do recorte temporal pesquisado. Precisamos saber o que é ser e viver como franciscano. Um verdadeiro desafio para historiadores, pois o *ethos* não se encontra na história, mas na mística.

"Convém também ao princípio do qual procede: pois provém de Deus, por Cristo e o Espírito Santo, que fala pela boca dos profetas e de outros que escreverem esta doutrina. Como, porém, Deus não fala só pelas palavras, mas também por fatos - pois que sua palavra é ação e sua ação é palavra -, e como todas as criaturas, como efeito de Deus, acenam para sua causa: por isso, o que foi divinamente legado na Escritura não deve significar apenas palavras, mas também fatos. Cristo, também doutor, embora humilde na carne, era sublime na divindade. - Por isso, convinha a ele e à sua doutrina possuir a humildade na palavra com a profundidade da sentença, para que, assim como Cristo foi envolvido em fraldas, assim também a sabedoria de Deus, na Escritura, fosse envolvida de certas figuras humildes. - Também o Espírito Santo ilustrava e fazia revelações de modos diversos nos corações dos profetas; e a ele, contudo, não pode ocultar-se nenhum entendimento, e fora enviado para ensinar toda a verdade. À sua doutrina convinha, pois, que em uma palavra se ocultassem formas múltiplas de compreensão". (São Boaventura, obras escolhidas, Livraria Sulina Editora, p. 1983, p. 11, Brevilóquio - Prólogo, parag. 4)

Giovanni di Fidanza, que ficou para a história como Boaventura de Bagnoregio, foi um teólogo e filósofo escolástico medieval italiano. Entrando para Ordem dos frades menores em 1243, realizou os seus estudos na Universidade de Paris, alcançando seu bacharelado bíblico em 1248 e o doutorado em teologia no ano de 1253. Se tornou Ministro geral da Ordem em 1257, governando até 20/05/1273. É assertivo atribuir a ele, a fundação da escola franciscana⁹. Esse complexo doutrinário foi formado por um conjunto de escolas. Três dessas escolas merecem destaque: Bolonha, Paris e Oxford. Entretanto, como Bolonha¹⁰ não possuía faculdade de teologia, os grandes centros irradiadores da escola se estabeleceram em Paris e Oxford.

Em Oxford, o grande pioneiro foi Roberto Grossatesta¹¹, que traçou uma direção científico-matemática, e contou com importantes sucessores, como Ricardo Rufus de

⁹ Se deve entender Escola Franciscana como um complexo doutrinário estabelecido no século XIII

¹⁰ A Itália inteira não possuía faculdade de teologia no período, não apenas Bolonha.

¹¹ Filósofo escolástico, teólogo, cientista e bispo de Lincoln.

Cornwall¹², Tomás Dockin¹³, Thomás de York¹⁴. Já o introdutor da escola de Paris foi Alexandre de Hales¹⁵, teólogo que é referido pelo próprio Boaventura como “*Pater et magister noster*”. Não irei me ocupar de fazer revisão bibliográfica dos autores mencionados neste artigo. O que farei nessa sessão, é elencar alguns fundamentos da escola franciscana, para assim, podermos conhecer a cosmovisão dos filhos de Francisco, e os paradoxos inerentes à institucionalização da Ordem e sua evolução ao longo da história. Contudo, vale destacar que apesar de incongruências que possam e que existem entre teologia e o mundo material, o eixo fundante da Ordem, de levar ao mundo o evangelho pelo testemunho e pela palavra, atravessou o medievo¹⁶, e se transformou ao longo da modernidade. Ou seja, o franciscanismo que desembarca na América é um produto moderno e é justamente o moderno olhar historicizante que viabilizou o projeto missionário. Dayanne Luz das Neves (2021, p. 37) afirma: “O Novo Mundo recebeu a ordem dos irmãos descalços após as reformulações dos estudos teológicos, ou seja, a América foi extensão de um processo iniciado na Europa.”

O período compreendido entre o século XIV e XVI, foi palco de um conjunto de reformas religiosas, resultado do humanismo europeu. Momento no qual, a O.F.M testemunhou cisões e questionamentos por parte dos grupos reformadores da própria Ordem, insatisfeitos com a disciplina conventual e à posse de bens materiais, o que contrariava a abdicação preconizada por São Francisco de Assis. Se contrapondo aos monges conventuais e com exigências que incluíam oração, pobreza, caridade e obediência, ficaram conhecidos como observantes. Para eles, a relação entre a regra e preceitos era subjetiva, não rígida. Diferentes perspectivas filosóficas surgiram, como o nominalismo de Duns Escoto. Mas, são os observantes que tiveram uma intensa participação na América.

2- Os pés descalços no Novo Mundo:

A história da Ordem no Brasil, é dividida em três ciclos. O primeiro, iniciado com a primeira missa, não tem como marca a catequese, até pelo fato de que os freis precisaram enfrentar dois grandes problemas: o absoluto desconhecimento da língua dos povos locais e também um certo receio com experiências mal sucedidas no passado. Ao longo dos anos deste primeiro ciclo, as atividades foram se tornando cada vez mais esporádicas, mas já localizamos neste ciclo, o embrião das primeiras experiências educativas da Ordem

¹² Teólogo escolástico franciscano da Cornualha

¹³ named ‘Thomas Gude, i.e. Bonus,’ but called ‘Dochyng’ from the place of his birth (CASLEY, *Catalogue of the Manuscripts of the King's Library*, p. 43, London, 1734)

¹⁴ Teólogo franciscano inglês e filósofo escolástico do século XIII

¹⁵ Também conhecido como *Doctor Irrefragabilis* e *Theologorum Monarcha*.

¹⁶ Em sua concepção em meio ao medievo, fazia pleno sentido uma comunidade de irmãos, que unidos pelo amor cristão, poderiam peregrinar pelo mundo para levar e viver o evangelho.

Franciscana, ou seja, o nascedouro do projeto evangelizador, conseqüentemente, temos no ciclo não-institucional, a eclosão do projeto "civilizatório" do Novo Mundo.

Obviamente, a ideia de civilizar se passava pela escolha de um projeto didatizante. Uma ideia, ou o *logos*, pertencem a uma dimensão racional, que partindo de uma verossimilhança deve produzir um argumento provável. Entretanto, existem também as dimensões afetivas, *ethos*, e *pathos*. Essas três dimensões precisam convergir para o sucessor de uma ação discursiva, e conseqüentemente para um projeto didatizante encontrar eficácia. Dentre os pilares fundamentais da escola franciscana, irei destacar quatro aspectos que acabam por moldar e definir o *ethos* franciscano: cristocentrismo, o absoluto enfoque bíblico, a vida contemplativa, e a relação com a pobreza.

2.1- Cristocentrismo:

Para melhor compreendermos o que seria o cristocentrismo, o melhor é recorreremos a teologia de S. Boaventura. Para o teólogo, Cristo seria o centro da história e o grande mediador de Deus, segundo ele, a história começa com Cristo, sendo ele o próprio ponto de chegada, o começo e um fim. Sendo assim, S. Boaventura acreditava que a reencarnação dividia a história entre o antes e o depois. Logo, dentro do que podemos compreender como a cosmovisão franciscana, encontraremos em Jesus Cristo a união mística do homem com Cristo, e através dele, com o próprio Deus. Resumidamente, Jesus não é um meio, Jesus é "O" meio, a ponte, o fio que liga o mundo terreno ao mundo espiritual, sendo assim, o portal que conduz a história para o seu fim transcendente. Por isso, Cristo é chamado de Propiciatário¹⁷, pois é o único que pode conduzir o homem ao mistério inefável de Deus. Por fim, é válido destacar a valorização ao caráter humano de Cristo, nesse sentido, a cruz ganha grande simbologia, pois não apenas nos conecta ao cristo sofredor, mas ao cristo sofredor que se associa a humanidade sofredora preparado-a para sua páscoa, sua passagem definitiva para o destino em Deus.

2.2- Senhora Pobreza:

“Entre as demais preclaras e precípua virtudes que preparam no homem um lugar e uma morada para Deus e mostram o caminho mais excelente e mais rápido para se ir e chegar até ele, destaca-se a Santa Pobreza. Ela sobressai a todas por uma certa prerrogativa e supera os títulos das demais por uma graça singular. Pois ela própria é o fundamento e a guardiã de todas as virtudes (Mt, 7,24). E, entre as outras virtudes evangélicas ela tem merecidamente a primazia, tanto quanto ao nome, como ao lugar. Não há, pois, razão para que as demais tenham as chuvaradas, as enchentes e os furacões ameaçadores de ruína se estiverem estabelecidas sobre esta base” (Com, 1).

¹⁷Aquele que possui

Esse trecho foi retirado do prólogo do texto "Sacrum Commercium ou a aliança de São Francisco com a senhora dona pobreza" escrito por volta de 1227. Nessa obra, o autor vai traçar a busca de São Francisco pela figura idealizada da pobreza, uma alegoria da virtude que os franciscanos enxergam na abnegação aos bens materiais. Apesar desse pequeno fragmento do texto original nos permitir acessar parte do espírito franciscano e sua relação com a pobreza, é importante destacarmos que não foi o problema da miséria social ou até mesmo o estado calamitoso dos leprosos que moveu Francisco até os miseráveis. Em vez disso, me parece mais correto nos voltarmos ao cristocentrismo, pois não seriam os pobres o caminho até Cristo, afinal, o meio, a ponte e o fio para transcendência é sempre Cristo, nunca o homem, seja ele virtuoso ou não. Dessa maneira, o que moveu Francisco para os pobres foi o Cristo que ele descobriu nos pobres. Viver em meio a pobreza, era acessar Cristo em sua plenitude, não apenas pela palavra. Em outras palavras, era viver uma vida baseada no modelo da vida apostólica, o evangelho praticado pelo testemunho e pela palavra. Assim sendo, o olhar da ordem sobre a pobreza é menos de mudar a condição dos despossuídos, e mais de aprender por meio deles e seguir Deus. A pobreza, junto com a castidade e a obediência são três votos de suma importância para os menores.

“A senhora pobreza será, certamente, a afirmação da recusa aos valores econômicos e sociais da sociedade aristocrático- burguesa, mas através de um modelo cultural educado, feudal. O inglês Walter Map, em seu *De nugis curialium* [A Vaidade dos Cortesãos] (1192-1193), deplora a atração dos clérigos pelo turbilhão dos vícios e das futilidades principescas. Nesse mesmo fim do século XII, o bispo de Paris, Maurice de Sully, entretanto de origem modesta- coisa excepcional-, lembrava aos camponeses num sermão-modelo (em latim e em língua vulgar) o dever religioso do pagamento de dízimos à Igreja e das taxas aos senhores” (Le Goff, 1999, p. 34)

2.4- Contemplar o mundo:

A contemplação se encontra no centro da espiritualidade franciscana. A contemplação de um Deus que está próximo do homem, porém, escondida da frivolidade cotidiana.

“o amor de São Francisco por toda criação representa uma coisa verdadeiramente nova, radicalmente nova. E a sensação da presença divina em todas as coisas é a percepção precisa, entusiasta, da beleza dada pelo amor de Deus”¹⁸

No cântico do irmão sol ou das criaturas, Francisco já dizia, “Louvado sejas, meu senhor, com todas as tuas criaturas” e “Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa mãe a terra que nos carrega e nos alimenta”. A contemplação de Cristo no Alverne é a expressão da vida de Francisco. Ou seja, a contemplação é a forma de Deus convidar o homem para experienciar o divino, não apenas pela palavra, mas também pelo exemplo. Logo, podemos ver já em Francisco, a primazia do exemplo da vida sobre a palavra. O próprio S. Boaventura,

¹⁸ (Le Goff, 1999, p. 227) citando Salvatorelli, “Movimento Franciscano e gioachismo”. p. 425.

em sua teologia emergida da concretude material e do seu lugar histórico, defendeu que para se chegar ao primeiro princípio essencialmente espiritual, era necessário passar pelo material, temporal e exterior.

2.5- O Livro sagrado

Iniciamos essa seção citando Boaventura e sua argumentação sobre a palavra. Nela percebemos dois elementos absolutamente primordiais: o respeito à escritura, e a relação entre as letras e o plano vivido. Pois, segundo o teólogo, existe uma relação dialética entre a palavra e a ação de Deus. Para Boaventura, a sagrada escritura não dispensa a sabedoria que vem do próprio homem e do conhecimento humano, para ele, a sagrada escritura é o lugar por excelência da multiforme sabedoria de Deus, mas não o único lugar. Essa sabedoria está presente, mas ainda escondida no mundo das criaturas e do conhecimento humano. Consequentemente, a teologia não dispensa o conhecimento humano. Logo, sua valorização das letras não significa libertinagem fundamentalista, pois S.Boaventura é consciente que a letra não é a realidade final da sagrada escritura, mas o principal meio que nos dá acesso às realidades espirituais da fé. Resumidamente, podemos dizer que o sagrado mundo das letras não pode se alienar da vida e da história. A grande pergunta que fica como historiador, é como essa cosmovisão e todas as concepções teológicas apontadas se adequaram ao Novo Mundo.

3- A vida institucional e a retórica na formação franciscana:

“Como índios não tenham bens que perder por serem pobríssimos e desapropriados e por outra parte tão variáveis e inconstantes, que os leva quem quer, facilmente se espalham, donde não podem acudir aos rebates dos inimigos como acodem das doutrinas em que os religiosos os têm juntos”. (WILLERKER, 1956, p. 225)

Esse relato evidencia uma preocupação dos franciscanos e da monarquia católica com o controle dos indígenas. A estreita relação com as populações locais, foi marcante para Ordem, facilitando a proteção dos territórios (engenhos e cidades) e indispensável para economia local. A presença das organizações religiosas se apresentaram como uma importante peça da estrutura administrativa e fundamental para os empreendimentos econômicos da região. Escolas elementares foram postas em funcionamento em algumas missões, onde o ensino de música era usado como ferramenta de absorção dos membros das tribos, sendo as escolas missionárias importantes para penetração da doutrina cristã, especialmente o pensamento universalista franciscano.

O dia 13 de março de 1584 marca o início do segundo ciclo. Nessa data foi instituída a custódia de Santo Antônio do Brasil, por determinação do primeiro Ministro Geral da época, Fr. Francisco Gonzaga, cabendo a tarefa de gestão da custódia à Província de Santo

Antônio de Portugal. Em 1585 se inicia a construção do primeiro convento da América portuguesa, o Convento de Nossa Senhora das Neves, em Olinda-PE. A construção do primeiro convento provocou nos anos seguintes um acelerado processo de expansão da Ordem, com conventos em Igarassu-PE, Salvador-BA, João Pessoa-PB, Recife-PE e assim por diante. Sobre essa expansão do número de conventos, Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão escreve em seu Orbe:

Neste tempo se fundarão cinco Casas. A primeira a da Senhora das Neves da Villa de Olinda, a segunda a de N. P. S. Francisco da Cidade da Bahia, a terceira a de Santo Antonio da Villa de Iguaraçú, a quarta a do mesmo Santo na Cidade da Paraíba, a quinta a da Villa da Victoria na Capitania do Espirito Santo.” (JABOATÃO, 1858, p. 223)

Em relação à formação dos clérigos nas capitanias do Norte, é preciso destacar a figura do Fr. Braz de S. Jeronymo, pregador português originário da villa da Merceana¹⁹. O frei chegou a custódia no ano de 1596. Descrito por Jaboatão no Orbe Seráfico como um personagem visionário²⁰, Jeronymo teria percebido que aplicações das letras constituíram a mais portentosa ferramenta para o êxito dos seus objetivos evangelizadores. O que levou o Frei a fundar assim, o primeiro curso de artes no convento Nossa Senhora das Neves da Villa de Olinda em 1596. De Lisboa veio a ordenação do capítulo provincial dos Franciscanos de 21 de Julho de 1607 exigindo a execução de curso e estudos de Artes e Teologia na Custódia do Brasil, funcionando na Casa de Nossa Senhora das Neves em Olinda.

A seleção dos alunos no noviciado não foi aberta, Lisboa estabeleceu que se seguisse as regras da Província de Santo António de Portugal, no Reino. A esses estudantes ficava aberta a possibilidade de que esses tivessem acesso ao colégio franciscano de Coimbra, que mantinha um Curso de Artes e outro de Teologia, a fim de completarem a sua formação. A admissão no noviciado tinha algumas exigências, existia uma certa limpeza de sangue, não eram aceitos descendentes de judeus, homens de cor e mulatos, era preciso um atestado de conduta, que pode ser entendido como um atestado de prudência e decoro, e além disso, também era necessário um atestado de latim. Sendo muito rígidas as inquirições de genere, vita e moribus²¹, o noviciado deveria se resumir a filhos de homens brancos.

¹⁹ Provavelmente diz respeito a Aldeia Galega da Merceana

²⁰ Jaboatão é produto do período pós-holandes. Constantemente Jaboatão descreve o mundo “brasílico” como um local ordeiro e de súditos fiéis. Não podemos ler Jaboatão sem ter em mente que ele advogava para Monarquia Católica. Um dos resultados da retomada do Império foi a percepção da necessidade da formação de um “povo” ou “comunidade”. Ideias como uma tetrarquia racial surgem neste período, porém sempre atrelada a Igreja. No Orbe, Jaboatão também trabalha para construir uma comunidade em torno do cristianismo

²¹ Processo eclesiástico que era usado para comprovação de “pureza de sangue”

Com o fortalecimento da Ordem, germinou o desejo de emancipação, o que daria início ao terceiro ciclo. Apesar de certa resistência dos frades portugueses, a custódia se deu em 12 de abril de 1647, através de um decreto do então Ministro Geral da Ordem, Fr. João Mazara de Nápoles. A custódia causou naturalmente uma certa cisão entre os franciscanos da custódia e os portugueses. O passo seguinte foi a elevação da custódia na província no capítulo custodial, em 1649.

O Estatuto da Província de Santo António do Brasil de 1683, explicita a exigência para que o candidato fosse digno, além de ser capaz de subir no púlpito, ter virtude, limpeza e suficiente latinidade. A relação entre moral interna e a ação externa do orador se tornaram motivo de preocupação e dimensões indissociáveis. Dentro dos Estatutos de 1683, outra prerrogativa importante para frequentar os cursos era que os estudantes tivessem pelo menos seis anos de hábito. Os alunos eram examinados anualmente, e se demonstrassem defasagens, não poderiam seguir para o curso de teologia e poderiam ser expulsos. Os noviços cursavam três anos de artes, dois de teologia, e depois de avaliados pelos examinadores (religiosos letrados da província), os mais qualificados poderiam ser escolhidos para o curso futuro. A grade de horário dos cursos eram pensadas inclusive para que não atrapalhasse as questões espirituais, o estudo precisava ser conciliado com o culto e todas as outras atividades litúrgicas.

Algumas exigências também foram estabelecidas para assegurar a permanência dos frades na América portuguesa. Existia por parte da Ordem uma preocupação com a evasão de alguns religiosos, que supostamente se utilizavam das experiências na América portuguesa para ascender socialmente na metrópole. O aumento no número de membros era imprescindível para o fortalecimento da província franciscana. Na congregação de 1660 foram elaboradas exigências para os candidatos à vida franciscana.

[...] Que os estudantes antes de entrarem no estudo façam um termo assinado por todos QM(sic) que prometam, que não alcançarão nem procurarão, nem usarão de privilégio algum, nem de patente dada por algum superior em que se lhes conceda licença para ir fora desta província, e que se lhes vierem por algum modo desde agora as dão por nenhum valor, e as renunciam (A.C.P.S.A.B.,op.cit.,p.102)

De acordo com o Orbe Seráfico, existiam quarenta e cinco cursos²² de Filosofia e Teologia dos quais foram mestres, missionários com os estudos feitos na província ultramarina portuguesa, com a exceção do primeiro curso em Olinda e o segundo. Seguindo o caminho aberto pelo Convento de Nossa Senhora das Neves, os conventos de Santo

²² O acesso às informações sobre os cursos podem ser feitas no Obe seráfico I, deigressão V, Estância IV (pág 340) e o restante no Orbe seráfico II, Estância V

Antônio do Rio de Janeiro, São Paulo, Ilha do Bom Jesus, Guanabara, Paraíba e a cidade de Recife, também abriram seus cursos.

O que já fica evidenciado aqui, é a preocupação da Ordem com a formação dos seus missionários, e com o desenvolvimento de um método evangelizador com uma intensa preocupação com a retórica e muitas vezes expressados nas artes liberais. Uma das grandes características do método evangelizador franciscano, foi sua elasticidade de se adaptar às diferentes condições apresentadas pelos diversos povos das possessões ibéricas. O que valia para esses autores era um argumento provável, não necessariamente verdadeiro, mas provável, e empregado particularmente em cada caso. Os franciscanos conseguiam analisar e adaptar a sua retórica por meio de um olhar historicizante, entendendo cada grupo dentro de suas especificidades, adaptando assim, a suas crenças ao cotidiano local. Era uma espiritualidade que se fazia a partir de uma experiência determinada, ou seja, calcado na *casuística*, moldando assim, a sua metodologia de evangelização na sociedade Latino-americana.

4- Persuadir para evangelizar

“os fins que honório III, na bula Solet annuere de 29 de setembro de 1223, pela qual aprova a regra dos Menores, determina para a pregação franciscana são mais modestos: “ Na pregação que façam, sejam seus discursos castos e ponderados, para proveito e edificação do povo, anunciando-lhes vício edes, pena e gloria , com a brevidade de um sermão, porque o senhor praticou sobre a terra uma palavra breve”(Le Goff, 1999, pág 220)

O pai fundador da Ordem, já nutria desde os seus tempos de solitário andarilho mediante, certa desconfiança com o conhecimento das letras que se encontrava dissociado do espírito. Para Francisco, são mortas pelas letras, aqueles que somente se interessavam pelas palavras, objetivando apenas parecer mais sábios que os outros. Também acreditava que mortos eram aqueles que não queriam seguir o espírito das sagradas escrituras, mas só se esforçavam para conhecê-las e interpretá-las aos outros. Já diria Bloch (1949) “São os homens que a história quer capturar. Quem não consegue isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição”.

“A pregação, ordenada a todos os irmãos na primeira regra, está estritamente regulamentada na segunda. Não pode ser feita senão nas dioceses em que os bispos a autorizem.. Deve ser subordinada a um exame e uma licença dadapelo ministro-geral. Deve se limitar a falas curtas e só pode tratar de assuntos morais e edificantes- não de teologia, de dogma e de assuntos dependente da jurisdição eclesíatica, “ para a utilidade e edificação do povo, falando-lhe dos vícios e das virtudes, do castigo e da glória, com a brevidade de um sermão” (Le Goff, 199, pág 96)

Dessa forma, e com preceitos baseados na vida apostólica, os irmãos descalços buscaram se comunicar com os ameríndios, sendo a retórica a grande ferramenta de

persuasão. A retórica não deve ser reduzida apenas a uma arte do bem falar. Mais que isso, é uma ferramenta que se utiliza de argumentos verossímeis, para construir uma tese provável. Tendo em vista a preocupação da Ordem com a formação dos seus pregadores, a O.F.M formou oradores com a capacidade de construir textos persuasivos, objetivando transmitir a mensagem de Cristo.

Talvez, falar nesses termos cause certa confusão, principalmente a ideia de probabilidade, um saber que associamos apenas como um braço da matemática. Contudo, a probabilidade foi um mecanismo de regulação cotidiana desde o período medieval, influenciando as artes, as ciências, a retórica e a dialética. Neste período, parte do mundo intelectual percebeu que a teologia, a jurisprudência e a medicina não haviam respostas exatas. Não trabalhando com verdades inquestionáveis, mas com verossimilhança, os intelectuais perceberam que dependiam de bons argumentos e do raciocínio da probabilidade. Esse modo agir e pensar, também esteve presente em teólogos, que buscaram em Aristóteles, mas principalmente em Cícero²³, os princípios acerca do plausível. Obra franciscana embebida nessa tradição, e incontornável, é a obra *Retórica Cristiana* (1579) do Frei Diego Valadés. Nessa obra, o autor tenta desenvolver uma metodologia evangelizadora para América calcada em concepções aristotélicas e ciceronianas. E em meio a miscelânea do Novo Mundo, o argumento provável se mostrou uma grande ferramenta.²⁴

Recorrentemente, os franciscanos são acusados de se utilizarem de uma linguagem mais publicitária do que literária. Não teriam assim, uma grande preocupação com questões como pureza linguística e gramática. Logo, o principal objetivo da Ordem seria cooptar mais fiéis, o que naturalmente aumentaria o poder e influência da Ordem. Concepção essa, muito associada à própria cultura barroca. Das Neves, baseada na obra²⁵ de Bert Roest, comenta:²⁶

[...] os franciscanos não estavam preocupados com a pureza linguística, estilo ou gramática; apesar de levarem o estudo muito a sério, os educadores franciscanos queriam expandir o seu alcance populacional. Os frades, longe da perícia literária, queriam atingir ao público de forma verbal, para tanto, o aperfeiçoamento nas artes liberais parecia uma solução eficiente. (DAS NEVES, 2021, pág 32)

²³ Cícero escreve acerca do plausível na sua obra “De Inventione”. Manual para oradores escrito ainda na juventude pelo autor.

²⁴ NEVES, Dayanne Luz das. *Retórica franciscana e o Humanismo na América hispânica: a evangelização no Novo Mundo e suas premissas de persuasão a partir da obra do Frei Diego Valadés(1533-1582)*. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2021

²⁵ ROEST, Bert. *A history of franciscan Education (1210- 1517)*. Leiden: Brill,2000.

²⁶ NEVES, Dayanne Luz das. *Retórica franciscana e o Humanismo na América hispânica: a evangelização no Novo Mundo e suas premissas de persuasão a partir da obra do Frei Diego Valadés(1533-1582)*. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 202

Bem, que a Ordem tinha como objetivo evangelizar o máximo possível de ameríndios, eu não tenho dúvidas, contudo, penso que o objetivo dos outros grupos religiosos que se ocuparam de evangelizar, também não estava longe disso. O que me parece mais inteligente questionar é: Os franciscanos evangelizavam, sem modificar os costumes das populações locais, aumentando o número de fiéis, mas sem formar verdadeiros cristãos? Contudo, esse questionamento não será respondido aqui, ademais, a acusação que leva a entender que os franciscanos tinham uma menor preocupação com a construção do texto em si, me parece simplória, e não corrobora com o rigor da formação dos religiosos.

A Estância V do Orbe seráfico²⁷, é intitulado “De alguns religiosos desta, que escreverão, e do que já está impresso, e se acha manuscrito”²⁸. Jaboatão adverte que os nomes ali listados correspondem apenas a parcela de autores que tiveram impressos²⁹, e de alguns poucos em que se acharam manuscritos. Isso quer dizer que, a grande maioria dos sermões nem sequer foram registrados, e dessa maneira, o quadro que segue só é uma pequena amostra da produção dos franciscanos. Segue o quadro³⁰:

Quadro 1: Autores Franciscanos da primeira modernidade

Fr. Anonymo	Fr. Antonio do Rosario	Fr. Francisco do Rosario	Fr. João do Rosario	Fr. Manoel da Madre de Deos	Fr. Serafim de Santo Antonio
Fr. Luiz da Anunciaçãõ	Fr. Boaventura de S. Jozé	Fr. Antonio de Santa Maria Traripe	Fr. Jozé da Conceiçãõ Gãma	Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica	Fr. Vicente do Salvador
Fr. Antonio da conceiçãõ Mialhas	Fr. Bento da prezaentaçãõ	Fr. Jacome da Purificaçãõ	Fr. Jozé dos Santos Cosme e Damiaõ	Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica	Fr. Raymundo de Santa Teresa
Antonio de Santa Maria Jaboatãõ	Fr. Cosme do Espirita Santo	Fr. Jeronymo da Ressurreiçãõ	Fr. Jozé do Egypto.	Fr. Pacifico de Jesus	
Fr. André de S. Luiz	Fr. Daniel de S. Francisco	Fr. João de Santa Angela ³¹	Fr. Leonardo da Conceiçãõ	Fr. Pantaleão Batista	
Fr. Antonio de Santa Maria Traripe	Fr. David dos Reys	Fr. João da Apresentaçãõ Campelli	Fr. Lourenço da Ressurreiçãõ	Fr. Rafael de S. Boaventura	
Fr. António de Santa Rita	Fr. Francisco das Chagas	Fr. João de Deos	Fr. Luiz da Purificaçãõ	Fr. Raphael da Purificaçãõ	

²⁷ A maior parte do levantamento de autores feito por jaboatão se encontram no Orbe Seráfico I, na Digressão 5, Estancia 5 (Pág 346). Jaboatão faz um complemento no livro II, na estancia 5 (pág 37)

²⁸ (JABOATÃO, 1858, p.346)

²⁹ A impressão na América portuguesa precisava passar pelas mesas de consciência. O texto era revisado, e só com as licenças aprovadas, a obra poderia ser publicada. Cenário só mudaria de fato no século XIX

³⁰ Autores franciscanos da primeira modernidade,

³¹ Natural de Alagoas, contudo, Alagoas formava a capitania de Pernambuco até 1817

 Baianos  Pernambucanos  Portugueses  Naturalidade não identificada

A grande maioria desses autores são de origem baiana, pernambucana e portuguesa. A ausência de outras naturalidades chama atenção, principalmente a falta de paraibanos. Afinal, já no final do século XVI³² a Ordem já havia iniciado um grande processo de expansão, estando presente em grande parte do território português já na metade do século XVII³³.

Logo, a concentração de autores de mesma naturalidade é curiosa. Podemos inclusive trabalhar com a hipótese que esse quadro seja um indício da influência dos diferentes grupos religiosos, o que poderia levar a uma maior facilidade para publicação e circulação. Obviamente que a mera naturalidade dos autores não diz muita coisa, até pelo grande fluxo dos mesmo na província. O próprio Jaboatão viveu e trabalhou na Bahia, Pernambuco e na Paraíba.

É importante destacar que até o século XIX, era proibida a produção de impressos na América. Os textos precisavam ir para Lisboa, onde precisariam passar pelo crivo de três instâncias; o Santo Ofício, do bispo local e do Desembargo do Paço³⁴. Para melhor compreendermos como se dava a autorização para impressão, vamos nos debruçar sob as licenças de dois sermões:

1- Sermão da Soledade:

[...] Autor condecorado com tantos titulos mal podia dizer cousa, que encontrasse a fé, que nos ensina a theologia, de que he tão grande mestre, ou se opuzesse aos santos costumes, que professa uma tão veneravel, e sagrada religião, como a serafica, em que tem merecido, e ocupado tam distinto lugar; ou finalmente merece a censura do santo tribunal, de que he censor: pelo que julgo esse sermão dignissimo da licença, que se pede para o imprimir[...] (COSME E DAMIÃO, 1746, p 4)³⁵

³² O Orbe é uma obra da segunda metade do século XVIII, momento no qual a Ordem já estava fixada em grande parte do território da américa portuguesa.

³³ Depois da fundação do primeiro convento de Olinda, em 1585, temos a construção do convento de Salvador (1587), Igarassu (1588), Ipojuca e Recife (1606), São Francisco do Conde (1629), Sirinhaém (1630), Cairú e Paraguassú (1650), São Cristóvão (1657), Alagoas e Penedo (1660) e o hospício da Boa viagem em Salvador (1760). Conventos em Santos e em São Paulo (1639), Macacu (1649), Penha e Angra dos Reis (1650) Itanhaém (1654), São Sebastião (1658) e outros quatro conventos.

³⁴ Criado por D. João II e oficializado no reinado de D. Manuel I, o Desembargo do Paço era o tribunal superior do reino, contando com um regimento especial. Era formado por um corpo de magistrados, e presidido pelo próprio monarca, tinha a incumbência principal de despachar as petições de graça dirigidas ao soberano, em questões referentes à justiça.

³⁵ Fragmento da licença do santo ofício para publicação do Sermão da Soledade do Frei José Santos Cosme e Damião, assinado por Paulo Amaro em 26 de Fevereiro de 1748.

Temos acima o fragmento da licença do Santo Ofício, assinado pelo qualificador do Santo Ofício Paulo Amaro, dois anos após a autoria do sermão³⁶. A obra em questão se trata do Sermão da Soledade de autoria do Frei José Santos Cosme e Damião. É seguido pela licença do Ordinário (1746, p 5) que diz: “de huma vez o passey pelos olhos com attençã a desejos de o imprimir a memoria para a lembrança, que tal foy a doçura que achey neste bom bocado de intelligencia”.

Assinado pelo Frei Ambrósio da Conceição e dando licença para sua impressão, destaca a agudeza do autor, descreve seu discurso como repleto de erudição, e destaca a sua eficácia de persuadir. Ainda defende a singularidade argumentativa do autor.

Por fim, temos a censura do Paço:

[...] Conheci a este orador evangelico insigne mestre das rainhas das facultades, pela argucia com que argumentava, e a solidez com que defendia os dogmas da subtissima escola do seu mestre escoto; e se então venerava excellete theologo, agoram lendo este sermão, entendo que merece na oratoria sagrada igual respeito [...](COSME E DAMIÃO, 1746, p 8)

Licença assinada por Ignacio Barbosa Machado³⁷. O autor é definido como um grande defensor dos dogmas do seu mestre. Barbosa ainda afirma que não se vê nada em seu discurso que fuja da fé católica, sendo ele bem formal, dessa forma, a licença não deve ser negada. Depois de cada uma dessas licenças, um aviso segue: “Depois de impresso seguirá a esta mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá” (1746, p 8).

2- Sermão do Triunfo do Santíssimo Nome de Jesus: Pregado no convento de Nossa Senhora da Cidade de Olinda, do Frei Serafim de Santo Antonio, escrito em 1748. A licença do Santo Ofício é assinada por Fr. Manoel da Anunciação, que escreve de forma muito breve sobre o Padre Capucho da Província do Brasil, destacando que no sermão não existe nada que se oponha à fé católica ou aos bons costumes. Julga digna a licença para que o autor possa mostrar o seu talento. Anunciação (1748, p. 5) afirma que: “ Mão encontro couza alguma, em que se oponha aos ditames da nossa fé catholica, ou bons costumes” .

Do Ordinário, não temos nenhum comentário referente ao Sermão. O texto assinado por D.F. Arceb é apenas uma nota burocrática que autoriza a circulação do Sermão: “Vista a informação, pode-se imprimir, e depois torne conferido para se dar licença para correr” (1748, p. 6)

O Paço é assinado por Pedro Correa, que faz um elogio ao uso da retórica pelo autor, e ao bom uso das regras que prescrevem a oratória. Correa ainda destaca a grande agudeza do

³⁶ O sermão é datado de 1746 e a licença de 1748.

³⁷ acadêmico de historiografia portuguesa

pensamento do autor. E ressalta a ausência de qualquer elemento que pudesse depor contra a “*vossa majestade*” do sermão e nem que se oponha ao bem da república, o que faz dele merecedor da licença. O Paço (1751, p. 6) defende que:

“O Sermão he de nome e daquele nome a quem São Paulo chma sobre todos os nomes, màs julgo que tambem o Pregador ficará avaliado, entre aquelles que tem nome de Prégador por pregador de nome: assim o infiro da boa eleyção de assunto, do acerto dos discursos, da agudeza dos pensamentos e finalmente de tudo aquillo de quanto fe compoem este discreto e bem ornado panegirico”

Considerações finais:

[...] “O pachuco perdeu toda sua herança: língua, religião, costumes, crenças. Só lhe restam um corpo e uma alma expostos à intempérie, indefesos diante de todos os olhares. Seu disfarce o protege e, ao mesmo tempo, o destaca e isola: oculta e exhibe”(PAZ, 1981, pag 18)³⁸

Esse fragmento do texto de Octavio Paz, diz respeito a um tradicional personagem mexicano, o Pachuco. Uma figura perdida em seu próprio ser, que não se encontra em sua ancestralidade, mas também não ver em seu reflexo a imagem do dominador espanhol e nem dos imperialistas do século XX. O Pachuco é muito parecido com o personagem de Carpentier do início do artigo, o Amo. Um herdeiro europeu, que se sente um estrangeiro em sua terra, mas descobre que europeu também não é. O Pachuco é para Paz uma própria expressão da identidade mexicana, ele escreve (Paz, pág 22) “A história do México é a história do homem que procura sua filiação, sua origem”. Podemos concordar que podemos trocar México por Brasil, ou simplesmente dizer que “A história da América latina é a história do homem que procura sua filiação, sua origem”. Bem, nós somos o Novo Mundo, a maior expressão moderna, pois todas as consequências da modernidade experienciamos aqui. E qual nossa origem?

Neste breve artigo, vimos que a expansão da Ordem Franciscana para o Novo Mundo se confunde com a própria expansão da monarquia católica, e tinha o intuito de disseminar o evangelho e ocidentalizar as terras descobertas. A exploração de um imaginário expansionista se confundiu com a ideia de civilização, que estava intrinsecamente ligada à cristianização.

A ideia de evangelizar o mundo, faz parte de uma concepção franciscana que remete ainda a sua origem medieval, entretanto, mergulhada na cultura barroca, o projeto evangelizador da Ordem é também o resultado do humanismo europeu. Os cursos de artes e

³⁸ PAZ, Octavio. Labirinto da Solidão. São Paulo: Editora Cosacnaify., 2014.

teologia ministrados pelos franciscanos demonstram a preocupação da Ordem com a formação dos missionários para enfrentar os desafios culturais e linguísticos do Novo Mundo. A retórica, e o domínio de diversas expressões artísticas, fizeram a Ordem desenvolver metodologias de evangelização particulares para cada caso, levando em conta o *pathos* de cada grupo étnico e cultural. A influência da retórica aristotélica e ciceroniana foram de suma importância para formação desses sujeitos. A busca dos autores passou a ser desenvolver argumentos prováveis, e assim, produzirem trabalhos com um maior poder persuasivo.

O quadro com o nome de autores franciscanos (apesar das limitações apontadas) mostra um fragmento da produção da Ordem. A concentração de autores de certas localidades é curiosa e pode indicar que a publicação dos escritos tinha mais relação com a localidade e com a autoridade do religioso dentro da Ordem, ou até mesmo com a própria influência política da administração local (da qual o autor trabalha) junto a O.F.M., do que com a qualidade literária em si.

O discurso foi certamente uma arma de dominação usada pelos imperialistas, arma mais poderosa que um canhão. Os religiosos de fato acreditavam nos seus valores, e enxergavam com virtude a ideia de “civilizar” os povos. Entretanto, estamos falando de processos violentos e que nos deixaram marcas até hoje. Cabe a nós historiadores, para além dos julgamentos, compreendermos estes processos, pois, se somos historiadores de uma terra que já foi o “Novo Mundo”, já nos cabe dizer que “Novo Mundo” ainda somos, pois nada ainda somos, assim como o Pachuco e o Amo nada são, não somos Oriente, nem Ocidente³⁹, nem ameríndios, somos um outro lugar perdido no tempo e nas imagens da história.

³⁹ Quero dizer que não somos considerados Ocidente por parte dos nossos imperialistas.

REFERÊNCIAS:

Fontes:

JABOATÃO, Frei. *Novo orbe seráfico brasílico, ou Crônica dos frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1858. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182923>>

COSME E DAMIÃO, Frei José Santos. *Sermão da Soledade*, 1746. Disponível em: <<https://bndigital.bnportugal.gov.pt>>

ANTONIO, Frei Serafim de Santo. *Sermão do Triunfo do Santíssimo Nome de Jesus*, 1551. <<https://bndigital.bnportugal.gov.pt>>

Bibliografia:

AMORIM, Maria Adelina. *A Formação dos Franciscanos no Brasil-colônia*. São Paulo: Edusp, 1997

ARGAN, Giulio Carlo. "A retórica e a arte barroca" e "Caravaggio e Rafael" In: *id. Imagem e persuasão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 33-40; 210-221.

BARBOSA, Bartira F; MENDES, Débora; ASSIS, Maria H. *Acervos históricos e artísticos- Convento de São Francisco, em Olinda*. REVISTA LUSÓFONA DE CIÊNCIA DAS RELIGIÕES – ANO VII, 2008 / n. 13/14 – 289-309

BARROS, Diana Luz Pessoa de. 1990. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática.

COSTA, Rafael Ferreira. *Aproximação entre dois patrimônios: a construção narrativa dos Conventos Franciscanos nas Crônicas da Ordem no Período Colonial*. Revista Discente Ofícios de Clio, Pelotas, vol. 5, nº 8 | janeiro - junho de 2020 | ISSN 2527-0524

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

IGLESIAS, Tania Conceição. **FONTES FRANCISCANAS: HISTORIOGRAFIA FRANCISCANA BRASILEIRA**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.42, p. 23-38, jun2011 - ISSN: 1676-2584

MARAVALL, J. A. *A cultura do Barroco*. Análise de uma estrutura histórica. Tradução: Silvana Garcia. São Paulo: Edusp, 1997.

NEVES, Dayanne Luz das. *Retórica franciscana e o Humanismo na América hispânica: a evangelização no Novo Mundo e suas premissas de persuasão a partir da obra do Frei Diego Valadés(1533-1582)*. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2021

SALVADOR, Frei Vicente do. *Novo Orbe Serafico ou História dos Frades Menores da Província do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

ALMEIDA, Marcos A. **Reinventando a mística franciscana no Brasil do século XVIII das Quatro Partes do Mundo ao Novo Brasilico**. REVISTA LUSÓFONA DE CIÊNCIA DAS RELIGIÕES – ANO VII, 2008 / n. 13/14 – 275-287

PINCKAERS, Servais. **Las fuentes de la moral cristiana: su método, su contenido, su historia**. Navarra: EUNSA, 2007.

PRODI, Paolo. **Uma história da justiça: do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROMAG, Frei Dagoberto. **A História dos Franciscanos no Brasil (1500-1659)**. Curitiba: Imprimatur, 1940 RÖWER, Basílio. O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1937. _____. A Ordem Franciscana no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1942.

RIBEIRO, Bruno. **O impacto do probabilismo e do casuísmo na prática da confissão no século XVI. Convencimento, persuasão e autodisciplina**. Revista de Historia, UFBA , v8. 2020.

RUIZ, Rafael. **O sal da consciência: probabilismo e justiça no mundo ibérico**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2015

RUIZ, Rafael. **A Teologia como chave de leitura dos processos judiciais na América espanhola**. IN: Espaços coloniais: domínios, poderes e representações / organização Carmen Alveal, Thiago Dias. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2019.

_____. **Probabilismo e Teologia moral na prática judiciária na América espanhola do século XVII**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais , v. vol.4, p. 7-25, 2012.

RIBEIRO, Bruno. **O impacto do probabilismo e do casuísmo na prática da confissão no século XVI**. Convencimento, persuasão e autodisciplina. Revista de Historia, UFBA , v8. 2020.

WILLERKER, Frei. As relações entre o governo português e os franciscanos do Brasil durante o século XVI. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 218, p. 223-254, 1956.

WILLEKE, frei V. **Missões e missionários da província de Santo Antônio**. Revista de História, [S. l.], n. 111, p. 85-100, 1977. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i111p85-100.